



FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

GÊNERO E CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: REFLEXÕES TEÓRICAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Mariana Batista Dias

IFS

marianabdias@yahoo.com.br

Bárbara Renata Cavalcante Ferro de Melo

UFRPE/FUNDAJ

prof.barbaraferro@gmail.com

Resumo

A desigualdade de gênero nas ciências é resultado de um processo histórico que atravessa séculos e se sustenta na exclusão sistemática das mulheres — e, de modo ainda mais intenso, das mulheres negras, indígenas e de classes populares — dos espaços de produção, circulação e legitimação do conhecimento científico. A construção moderna da ciência foi marcada por valores patriarcais e androcêntricos que, ao associarem a racionalidade e a objetividade a atributos masculinos, relegaram as mulheres a papéis secundários, invisibilizando suas contribuições e restringindo seu acesso a formações científicas e tecnológicas. Esse apagamento histórico, conhecido como “efeito Matilda”, não apenas compromete a memória científica, mas também perpetua estereótipos que moldam as escolhas e trajetórias educacionais até o presente. No campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essas desigualdades se expressam em currículos e práticas pedagógicas que pouco dialogam com a perspectiva de gênero. Muitas vezes, os conteúdos são apresentados de forma neutra apenas na aparência, desconsiderando que a própria ideia de ciência foi construída a partir de um ponto de vista parcial — masculino, branco e eurocêntrico — que naturaliza exclusões. A formação e o trabalho docente, tanto na etapa inicial quanto na continuada, ocupam um lugar estratégico para o enfrentamento dessas desigualdades. Incorporar perspectivas feministas, interseccionais e críticas (Harding, 2003; Schiebinger, 2001; Crenshaw, 2013) significa compreender o gênero, a raça e a classe como dimensões estruturantes das experiências formativas e profissionais. A pedagogia emancipatória (Freire, 1970; hooks, 2021) e a concepção de formação omnilateral (Gramsci, 2004;

Saviani, 2007) reforçam que a educação deve articular o desenvolvimento técnico, intelectual e político, formando sujeitos capazes de ler criticamente a realidade e agir para transformá-la. A interseccionalidade, proposta por Crenshaw (2013), evidencia que as desigualdades não atuam isoladamente: gênero, raça, classe e território se entrelaçam para produzir barreiras específicas e mais intensas para determinados grupos. No contexto da EPT, compreender essas interações é essencial para que professores consigam reconhecer as múltiplas formas de opressão que afetam suas alunas e alunos, especialmente as mulheres negras e indígenas. Esse olhar interseccional orienta práticas pedagógicas que não apenas denunciam a desigualdade, mas também constroem alternativas de participação, permanência e sucesso acadêmico. A literatura especializada indica que a diversidade de perspectivas nas equipes científicas aumenta a inovação, a relevância social das pesquisas e a qualidade das soluções produzidas (Schiebinger, 2001). Assim, promover a equidade de gênero e raça na EPT não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia de qualificação da formação técnica e acadêmica. Isso implica que a formação docente vá além da dimensão técnica, desenvolvendo competências críticas para identificar desigualdades, questionar práticas excludentes e implementar metodologias ativas que deem visibilidade a diferentes sujeitos e saberes. Este trabalho, de caráter teórico e em andamento, tem como objetivo sistematizar fundamentos que subsidiem práticas docentes comprometidas com a equidade de gênero e raça na EPT. A partir de revisão bibliográfica e análise crítica de autores que discutem gênero, ciência, interseccionalidade, pedagogia crítica e educação profissional, busca-se oferecer referenciais capazes de orientar a construção de ambientes formativos inclusivos, que reconheçam as múltiplas identidades presentes no espaço escolar e valorizem a participação de grupos historicamente marginalizados. Ao situar o debate no eixo Formação e trabalho de professores em perspectivas feministas, interseccional, de gênero e raça, a proposta reafirma que a superação das desigualdades na ciência e na educação técnica depende da atuação consciente e crítica dos professores. Formar docentes capazes de identificar as relações de poder que atravessam o fazer científico e pedagógico é condição para democratizar o acesso ao conhecimento, diversificar as vozes que o produzem e assegurar que a EPT cumpra seu papel social de forma crítica, omnilateral e emancipada.



Palavras-chave: Gênero. Formação docente. Educação Profissional e Tecnológica.

Referências

- CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the intersection of race and sex*. University of Chicago Legal Forum, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- HARDING, Sandra. *The feminist standpoint theory reader*. New York: Routledge, 2003.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Elefante, 2021.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SCHIEBINGER, Londa. *Has feminism changed science?* Cambridge: Harvard University Press, 2001.